

# Até senadores partem para invasão

Guerra por gabinetes mobiliza parlamentares e ameaça sorteio adotado pela Mesa

EDUARDO BRITO

Bastaram alguns minutos, na tarde de ontem, para que mudasse toda a decoração do gabinete do senador acreano Aluizio Bezerra, derrotado nas eleições deste ano. Um enorme retrato do ex-presidente José Sarney foi entronizado em lugar de honra e, a seu lado, pendurado o diploma do recém-eleito senador Gilvan Borges, um deputado do Amapá que cultiva, além de longas barbas negras e da amizade com o senador maranhense, o hábito de andar com sandálias muito parecidas com as sapatilhas do colorido Ney Maranhão. As mesas e cadeiras do gabinete de Aluizio também trocaram de lugar.

Era o jeito de Gilvan delimitar sua posse. Com permissão de Aluizio, ele ocupou o gabinete à revelia da Mesa do Senado, arranjando um lugar para se instalar, mas violando por tabela a resolução que determinou um sorteio para redistribuir o espaço. Apesar de tudo, até que Gilvan foi sutil. Os funcionários de Arlindo Porto, também recém-eleito senador, ocuparam o gabinete vizinho ao de Aluizio e simplesmente jogaram todos os móveis no corredor.

A troca de gabinetes entre senadores e deputados tornou-se um hábito repetido a cada quatro anos. Os que deixam o Congresso são assediados pelos novos, principalmente quando seus gabinetes são bem localizados ou mais amplos que os demais. É comum também os que deixam o cargo pedirem algum tipo de compensação. Às vezes gestos inocentes, como a preservação de funcionários. Outras vezes, vantagens discutíveis. Um anão do Orçamento, absolvido pelo plenário mas casado pelos eleitores, andou pedindo US\$ 5 mil por seu gabinete na Câmara.

**Sorteio** — Primeiro secretário do Senado, Júlio Campos teve a idéia de copiar Flávio Marcílio que, quando presidente da Câmara, promoveu um sorteio de Gabi-



Os móveis de Aluizio espalhados no corredor: ocupação à força

netes. A propósito, lembrava ontem Júlio Campos, nessa ocasião ele próprio era deputado — e acabou tendo de conformar-se com o último gabinete do último andar, o nono. Mesmo assim levou a proposta à Mesa, que a aprovou.

Em tese, nenhum senador precisaria preocupar-se. Os gabinetes menores, situados na longa ala Teotônio Vilela, estão sendo fundidos dois a dois. Outros gabinetes, maiores, foram construídos na área antes ocupada pelo serviço médico, que deve ser batizada com o nome do falecido senador Filinto Müller, ex-chefe de polícia do Estado Novo. Supõe-se, assim, que todos os gabinetes de senadores terão agora o mesmo espaço, diferenciando-se apenas pela proximidade do plenário.

Ainda assim, de acordo com os planos, os gabinetes mais valorizados, que são justamente os próximos ao plenário, seriam destinados às lideranças. Tudo funcionaria com equidade. Só que não é o que está acontecendo. A guerra pelos gabinetes está correndo solta, como mostram as invasões comandadas por Gilvan Borges e Arlindo Porto. Mais do que isso, os gabinetes viraram moeda de troca. O ex-presidente José Sarney, candidato a dirigir o

Senado, abordou vários colegas em busca de um pouso para o aliado de sempre, o ex-governador Jäder Barbalho, um dos pilares de sua campanha.

**Adiamentos** — Uma prova da dificuldade está nos sucessivos adiamentos do sorteio. Deveria ocorrer a 1º de dezembro, passou para 15 de janeiro e o próprio Júlio Campos falava ontem em 25 de janeiro. Ele próprio tornou-se parte interessada, depois que denúncias do senador Pedro Simon impediram que ele transformasse o restaurante do Senado em um gabinete para si próprio.

O primeiro secretário arrisca-se agora a ver-se diante de um fato consumado. Como despejar senadores já devidamente instalados? “Eu vou procurar todos eles, explicar a situação e mostrar que nada têm a perder”, assegurava ontem Campos. Não é uma missão fácil. “Ele é tão senador quanto eu; se já estiver instalado em um gabinete que me contente, quero ver como fará para me retirar”, reagia um senador veterano que costura os últimos detalhes de uma negociação para obter um dos cobiçados gabinetes recém-construídos na antiga assessoria técnica.

Geraldo Magela